



Prémios Secil de Engenharia Civil e Universidades

José Mota Freitas foi o grande vencedor da 15.ª edição dos prémios Secil. Os melhores trabalhos de alunos de Engenharia e Arquitectura foram também premiados. É a aposta da Secil nestes futuros profissionais.

A Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa teve casa cheia para assistir à entrega dos Prémios Secil 2007, na noite de 9 de Abril. O Prémio de Engenharia Civil, atribuído de dois em dois anos em alternância com o de Arquitectura, reconheceu este ano como obra de relevo a Igreja da Santíssima Trindade, em Fátima, e o seu autor, José Mota Freitas. Não é o primeiro trabalho que este engenheiro faz no Santuário, tendo assinado igualmente os projectos para as coberturas da Capelinha das Aparições e do auditório do Centro Pastoral Paulo VI.

A igreja situa-se no topo sudoeste do Santuário de Fátima, a cerca de 250 metros da Basílica, ocupando um rectângulo aproximado de 230mx155m. O corpo principal tem capacidade para 9000 lugares sentados. Uma obra que «permite aos peregrinos manifestarem

a sua fé em boas condições de conforto, mesmo em situações atmosféricas adversas», como a descreve Mota Freitas. De acordo com o presidente do júri, Raimundo Delgado, «a obra, em que a utilização do betão é marcante, apresenta como elemento mais distintivo duas vigas em caixão de parede delgada, realizadas em betão pré-esforçado, que permitem concretizar a cobertura da nave central, com um vão de dimensão invulgar». O responsável salientou ain-

da que esta obra vai ganhar uma grande visibilidade, contribuindo para «prestigi-
giar a engenharia civil portuguesa».

Pedro Queiroz Pereira, presidente do Conselho de Administração da Secil, lembrou que os prémios existem para reconhecer a qualidade do trabalho dos profissionais portugueses: «Qualidade manifestada em obras em que a Secil se revê por via do produto utilizado, o cimento, o núcleo da nossa actividade produtiva».



Reconhecimento de jovens promissores

Os prémios Secil Universidades, atribuídos a futuros arquitectos e engenheiros do país, estão «ligados à promoção da qualidade, da excelência e ao estímulo da criatividade», como referiu o ministro das Obras Públicas, Mário

Lino. «A procura pelo reconhecimento público do mérito acaba por estimular essa mesma capacidade de criação», acrescentou.

Foi essa busca pela valorização que levou um grupo de alunos da Faculdade de Engenharia da Universidade do

Porto (FEUP) a candidatar-se, apresentando o projecto de uma Ponte Pedonal Móvel, para a Marina de Viana do Castelo. «Este é o prémio máximo para a engenharia civil em Portugal, tendo uma grande importância para o início de carreira», considera Diana Peres, um dos elementos. «Outras empresas deviam seguir o exemplo da Secil. Iniciativas destas são realmente motivadoras», acrescenta a colega Magda Macedo.

Em Engenharia, foram ainda premiados alunos da Universidade Nova de Lisboa, com o projecto do edifício Torre Nova, em Almada, e da Academia da Força Aérea, com a reinstalação do Museu do Ar, em Sintra.

Na disciplina de Arquitectura, os distinguidos vêm das universidades Lusíada de Lisboa, Lusíada do Porto e do Instituto Superior Técnico, com os projectos Museu Militar em Lisboa, Casa das Artes no Barreiro e Percurso pedonal Baixa-Castelo, em Lisboa, respectivamente.

Na parte final da noite, o palco da Aula Magna esteve por conta dos «The Gift» e outros músicos convidados da banda. Esta escolha da Secil para um dos seus mais importantes eventos do ano reflecte a visão de futuro do Grupo, reforçando a ideia de aposta nas gerações mais jovens.

Consagração do engenheiro sénior

A Faculdade de Engenharia do Porto esteve em grande nesta edição, visto que o prémio principal foi atribuído a um dos seus professores. A distinção recebida por José Mota Freitas, como

classificou Fernando Ferreira Santo, Bastonário da Ordem dos Engenheiros, acabou por «não ser só uma homenagem ao engenheiro, mas também ao professor e ao homem, por ter tido a coragem de resistir a momentos difíceis da vida com a postura que só alguns conseguem». José Mota Freitas recebeu-a de forma comovida, tentando não esquecer todos os agradecimentos, e sublinhando o incentivo que deve ser dado aos mais novos com iniciativas deste género.

Questionado sobre o que é mais importante para si – criar obras de engenharia ou preparar os futuros engenheiros para as concretizarem – o galardoado confessou serem ambos os papéis importantes. «A preparação das minhas aulas é feita não só sobre o estudo de livros mas também sobre a minha própria actividade profissional. Quando estou a estudar uma obra, estou a preparar uma aula, no sentido em que, logo que possa, transmito os resultados aos meus alunos», explicou. Receber o prémio Secil 2007, no mês em que completa 70 anos, é «a consagração de uma vida de trabalho», nas palavras de Mota Freitas. «Tenho já 40 de actividade e este momento é de uma alegria muito grande, faz sentir que valeu a pena», salientou.

Neste momento, o engenheiro acha difícil voltar a estar «ligado a uma obra



da magnitude» da Igreja da Santíssima Trindade. «Actualmente, as minhas ambições são ter saúde e paz, para poder dedicar-me a escrever livros e apontamentos para fornecer aos alunos. Se conseguir ser-lhes útil, para mim basta.»

Mota Freitas terminou o Curso de Engenharia Civil, em 1964, com a classificação final de 17 valores. Em 1968, iniciou a sua carreira académica na

FEUP, onde se mantém até hoje, ligado a disciplinas de Construções Metálicas e Mistas.

Tem desenvolvido intensa actividade como projectista, consultor e coordenador de projectos. Destacam-se obras como a Ponte de Caminho de Ferro da Ferradosa, no rio Douro, o Viadutos de Belém, sobre a Avenida das Índias e o Projecto de Estruturas do Pavilhão do Futuro para a EXPO 98.



Documentário «Gente da Casa» Mostrar o que é invisível

«Gente da casa», imaginado pelo arquitecto Carlos Gomes, acompanha a construção de uma casa, das fundações à pintura final. A Secil é um dos patrocinadores do projecto que, além da obra da arquitectura, resulta num filme/documentário e numa exposição fotográfica.

Dar visibilidade ao elemento humano por trás de uma obra é um dos objetivos do «Gente da Casa», um projecto que reúne diferentes expressões artísticas. Desde Maio de 2007, que a equipa liderada por Carlos Gomes segue, a par e passo, tudo o que envolve a construção, no concelho de Palmela, de uma habitação unifamiliar, concebida por este arquitecto. O grupo completa-se com a fotógrafa Luísa Ferreira, o realizador Ruy Otero, o responsável pelo som Rui Viana e o webdesigner António Coxito.

«O projecto centra-se nas pessoas e na relação delas com o próprio trabalho», explica Carlos Gomes.

O arquitecto confessa-se fascinado pelo «mundo das obras», uma realidade que lhe é bastante próxima desde muito miúdo, já que é filho de um construtor civil. «Ver as pessoas a trabalhar, como os trabalhos são executados, a progressão da obra. E também conhecer as pessoas, porque têm normalmente ex-

periências de vida muito fortes.» E isto foi algo que pôde confirmar com a realização deste trabalho, pela proximidade de relacionamento que estabeleceu com as pessoas envolvidas e nas muitas horas de entrevistas gravadas com os trabalhadores.

Ao imaginar um projecto como o «Gente da Casa», Carlos Gomes quis «mostrar que mesmo numa obra de pequena dimensão, existe um leque de profissionais, pessoas e conhecimentos que normalmente não têm visibilidade nenhuma». Quando muito, vê-se a obra em si, o trabalho do arquitecto, por vezes o do engenheiro. Mas não o dos restantes trabalhadores: «Por uma obra como esta, chegam a passar 60 pessoas. Entre trabalhadores, fornecedores, chega a ser um número considerável de pessoas que trazem a sua história e a sua experiência.»

O trabalho centra-se, assim, no aspecto humano e relacional e menos na arquitectura, que está presente como «pano de fundo».

Foi por todas estas características que a Secil decidiu apoiar o projecto, que considera ser uma forma interessante e inovadora de homenagear as profissões ligadas a esta área, e que todos os dias utilizam os materiais produzidos nas fábricas do grupo.

O nascimento do projecto

Carlos Gomes teve a ideia para o «Gente da Casa», quando decidiu candidatar-se a um programa de apoio do Instituto das Artes, na área de arquitectura. O projecto nasceu de forma solitária, com o arquitecto a imaginar todas as suas vertentes. Depois começou a constituir a equipa. «Fui acreditando que podia ser financiado.» Fez a candidatura a 1 de Março de 2007 e a obra começou dois meses mais tarde.

No dia 10 de Abril, a equipa fez uma primeira apresentação na Ordem dos Arquitectos, onde pôde ser visitada uma exposição sobre o «Gente da Casa», entre os dias 7 e 11. Em Novembro, o filme/documentário será exibido no festival «Temps d'images», que se realiza no último trimestre de 2008, com a estreia oficial também da exposição fotográfica. Carlos Gomes gostaria ainda de conseguir que o filme tivesse uma antestreia no DocLisboa.

Até lá, há muitas horas de gravação para visualizar: as das câmaras fixas e móveis que acompanharam o dia-a-dia da obra, e mais de duas dezenas de entrevistas, registos de grande riqueza humana, que superaram todas as expectativas da equipa.

«As pessoas que trabalham na construção – os serventes, pedreiros, os que

têm os trabalhos menos especializados –, temos ideia de que são o último reduzido na hierarquia das cidades. Mas são pessoas com uma experiência de vida muito mais rica do que outras, que talvez socialmente até valorizamos mais». Entrevista a entrevista, «Gente da Casa» desvendou um grupo de homens que passaram por diferentes períodos da história dos seus países, com opinião sobre tudo o que os rodeia, que tiveram percursos de vida complicados, aparentando mais idade do que têm realmente, porque começaram a trabalhar muito cedo e passaram muitas horas ao ar livre, com o sol a bater-lhes na pele. Carlos Gomes considera ainda que o facto de existir um outro tema de conversa a marcar o quotidiano da obra, «foi bom para criar uma atmosfera mais aliviada, menos tensa».

Uma casa na paisagem

A inauguração da casa vai marcar a conclusão das obras e o primeiro momento do documentário. «A ideia é o filme começar na festa e colocar as pessoas que trabalharam na obra como convidados de uma festa dada pelo dono da casa; um acontecimento social. Não se sabe bem o que aquilo é, há um certo suspense em torno dessa situação. Depois mostra-se o terreno antes daquela intervenção, e começa-se a ver o pes-

soal a chegar e percebe-se que há uma ligação entre algumas das pessoas que estão na festa e as da obra», diz Carlos Gomes.

O arquitecto planeia também levar a exposição fotográfica a Palmela, para que os trabalhadores retratados tenham oportunidade de mostrar, às respectivas famílias e amigos, o seu trabalho e o projecto em que estiveram envolvidos. «Queremos transformar isso num momento de festa.»

O projecto da equipa de Carlos Gomes não se centra na arquitectura, mas, naturalmente, a casa é uma personagem importante da história. «Está feita de acordo com o meu ideal de casa», explica o arquitecto, que a descreve como um «monte alentejano contemporâneo».

«No fundo é um volume branco que não interfere na paisagem», apesar de a sua construção ser «bastante forte». Carlos Gomes acredita que, nos próximos 15 anos, a zona em que está inserida a habitação sofra uma grande pressão urbanística, sobretudo por ficar num raio de acção de influência do futuro aeroporto internacional. O arquitecto quis apostar, por isso, num conceito muito simples, para não causar «confusão visual, nem estilhaços» naquilo que hoje é «uma paisagem lindíssima, onde podemos espriar os olhos e a alma».



50 anos é muito tempo

Agostinho Ferreira Luz



No dia 28 de Abril de 1958 pelas 9 horas da manhã, apresentei-me no Serviço Central chefiado pelo senhor Cipriano Gaspar. Eu já tinha ouvido dizer: “quem manda mais lá na fábrica é o Director”, o Eng. Pinto Gonçalves – homem de pequena estatura que montava uma enorme égua castanha – e logo a seguir o senhor Gaspar. Era eu um jovem adolescente, tinha apenas 14 anos de idade. Não sabia como estar na presença de um senhor com tanto poder na Fábrica, então designada por “Empreza” de Cimentos de Leiria. Estava muito nervoso, pois não sabia o que me ia perguntar. Quase em sentido durante cerca de uma hora, ouvi as recomendações transmitidas pelo senhor Cipriano, que no final disse: tu vais para o Escritório da Cooperativa, e tu, que era o Balinha, para a Drogeria! O horário de funcionamento é das 9 às 19 horas de segunda a sexta-feira e aos sábados das 9 as 13 horas. O horário deve ser escrupulosamente respeitado bem como as normas existentes na Fábrica conforme acabam de ouvir (leu mais de 11 folhas escritas à máquina). Sim, senhor Cipriano! Pode

estar descansado! É isso que eu vou fazer.

Não resisto a contar um pequeno episódio ocorrido numa manhã de sábado, dia de venda de carnes verdes no Talho: na ausência do “cortador de carnes”, tinha saído há poucos minutos para fazer um serviço inadiável, decidi fazê-lo eu e aviar um sócio, o que fiz com se fosse um “mestre”. Quando o senhor Matos chegou eu disse-lhe o que tinha feito. Deu-me uma grande palmada nas costas ao mesmo tempo que soltou uma gargalhada e disse: muito bem! No próximo sábado não venho. Quem avia todos os sócios és tu.

Onze anos mais tarde, estávamos então no ano de 1969, o Presidente da Direcção da Cooperativa, senhor Fortuna, perguntou-me se estava interessado em ser transferido para os Escritórios da Fábrica. Sem hesitar disse-lhe que sim. Aqui, executei diversas tarefas: conferir e lançar facturas de materiais no sistema de inventário permanente; dactilografia; secretariar as reuniões de Higiene e Segurança no Trabalho; Estatística e Tesoureiro [desde 1982] até esta data.

Neste longo espaço de tempo em que perma-

neci na empresa, tive a oportunidade de aprender música e tocar trompete, integrado na Filarmónica da Casa do Pessoal, cujo mestre era o Senhor Feliciano Ferreira, e também fazer parte da Secção de Tiro ao alvo de carabina. Passados estes 50 anos aqui estou em “boa forma”, graças a Deus, e espero permanecer no meu posto de trabalho até à última semana do próximo mês de Setembro.

Um abraço a todos os que comigo trabalharam durante meio século.



Jubileus

José Pereira Claro conhece a fábrica de Pataias desde 1971. Começou a estagiar na CMP aos 19 anos, uma experiência necessária para concluir o curso industrial de montador-electricista. O seu percurso de 36 anos na fábrica foi interrompido em 1973, quando foi destacado para a guerra do Ultramar. Regressou de Angola em Março de 1975 e, nessa altura, voltou à CMP para trabalhar na Oficina de Electricidade.

Passou depois para o Gabinete de Preparação e, 12 anos mais tarde, foi convidado a concorrer para o Departamento de Manutenção. Há 15 anos nessa área, José Claro coordena as equipas de trabalho que fazem a manutenção da área de construção civil.

Tem acompanhado de perto a evolução da fábrica e destaca as melhorias nas áreas da segurança no trabalho e da formação. «Nos últimos anos, a formação tem sido muito importante. Quando vim para cá, na área de electricidade, era um círculo muito restrito. Só uma ou duas pessoas é que tinham acesso à documentação».

Nas horas livres, colabora com o Atlético Clube da Sesmaria, clube que, noutros tempos, «militou na segunda divisão de an-



debol». Já pertenceu à direcção desta colectividade mas, hoje, dedica mais tempo à manutenção de pequenos terrenos que herdou. Embora não perca um bom filme na televisão, prefere os programas de desporto e os telejornais, pois gosta de se «manter informado».

Pedro Manuel Monteiro vai comemorar 21 anos de Secil em Junho. Começou por trabalhar por conta própria em serralharia, durante quatro anos, tanto para a fábrica de Pataias como para a de Maceira-Liz. Foi nesta última que ficou até hoje, primeiro a contrato, na área de embalagem e posteriormente na de fabricação. Mais tarde entrou para os quadros em regime de laboração contínua. Há três anos surgiu a hipótese de passar para horário diurno, no laboratório, onde ainda se encontra actualmente.

Em paralelo, esteve a estagiar no sector de expedição, onde presta serviço sempre que necessário, geralmente quando é preciso substituir um colega.

Ao longo do seu percurso na Secil, considera que «o avanço da tecnologia é a principal diferença», ao comparar os primeiros anos de trabalho na fábrica com os dias que correm. «Agora é tudo muito mais fácil».

Com 45 anos, Pedro Monteiro dedica o tempo livre a duas paixões: o futebol e os automóveis. Porém, se no primeiro é apenas um mero espectador, assistindo aos jogos do Benfica sempre que pode, no que toca a motores o caso é bem dife-



rente. Participa em corridas, tanto em asfalto como em terra, por vezes até em regime de competição. As últimas em que entrou foi no «24 horas de fronteira – Todo o Terreno» e no «Rali de Vidreiro», em S. Pedro de Moel. O karting, embora com menos frequência, é também algo que lhe dá prazer.

Campus Secil – Programa de formação em Gestão e Liderança Uma aposta nas pessoas



O Grupo SECIL acredita que os resultados atingidos dependem, fundamentalmente, dos seus colaboradores. Por isso mesmo, vai apostar novamente na formação. A primeira edição do programa Campus SECIL arranca já este mês e é dirigida a 35 Quadros do Grupo.

“Campus SECIL – Executive Management Development” é o nome do programa de formação em Gestão e Liderança que o Grupo SECIL vai realizar entre Abril de 2008 e Julho de 2009, na Universidade Católica Portuguesa. A iniciativa vai abranger, nesta primeira fase, 35 Quadros de diversas áreas de negócio do Grupo em Portugal. “São pessoas oriundas dos diversos sectores de negócio onde nós estamos a operar”, explica Marisa Garrido, responsável pelo Departamento de Desenvolvimento Organizacional, que está a coordenar este programa de formação.

O Grupo SECIL pretende que estes colaboradores adquiram um conjunto de competências nas áreas da Gestão e Liderança, fomentando uma linguagem universal dentro do Grupo, para além de criar um maior espírito de equipa e potenciar a mobilidade interna.

O programa de formação contempla

quatro áreas de conhecimento: Estratégia, Finanças, Gestão de Pessoas / Comportamento Organizacional e Marketing. Os formandos vão estar reunidos, em média, dois dias por mês na Universidade Católica, em Lisboa, para reflectirem e discutirem temas importantes relacionados com os principais desafios que o Grupo SECIL enfrenta, actualmente, analisarem em conjunto situações reais de negócio vividas dentro do Grupo e, criarem uma visão abrangente sobre os contextos económicos, empresariais e sócio-humanos actuais.

Trata-se de um grande investimento por parte do Grupo SECIL, quer do ponto de vista financeiro, quer do custo de oportunidade, devido ao tempo despendido pelas pessoas envolvidas. É uma verdadeira aposta nos colaboradores, considerada fundamental para atingir os desafios definidos na estratégia do Grupo, como sublinha Marisa Garrido.

Pretende-se que Programa abarque mais Colaboradores, em edições futuras, após a conclusão desta primeira edição.

O conteúdo programático foi concebido de forma a poder ser extendido, futuramente, a todos os Quadros do Grupo, inclusivamente, àqueles pertencentes às empresas do Grupo no estrangeiro.

Iniciativa vai contribuir para alcançar objectivos estratégicos do Grupo

O investimento na formação dos colaboradores é uma forma de atingir as metas definidas para o grupo. Segundo Marisa Garrido, são três os grandes objectivos estratégicos para os próximos anos: o crescimento através da internacionalização do Grupo, que constitui um enorme desafio, não só em termos de práticas de gestão, como em termos comunicacionais e de gestão de pessoas e equipas; a rentabilidade, porque é necessário crescer, mas de forma saudável; e esse crescimento tem de ser sustentável, o que significa que o desenvolvimento do Grupo não pode ficar alheio às questões ambientais e sociais. “São três objectivos que fazem com que as pessoas tenham que pensar e funcionar doutra maneira”, como salienta a responsável pelo departamento de Desenvolvimento Organizacional. Além disto, acrescenta Marisa Garrido, é preciso ter em atenção as expectativas e aspirações dos colaboradores relativamente às suas carreiras. “A combinação entre aquilo que são as necessidades da empresa e os interesses das pessoas tem de ser feita de forma transversal e equilibrada, como forma sustentável para o sucesso do nosso negócio”, sublinha.

